

— Não vai. Não tem força — disse o guarda.

— Este carro já fez este caminho muito bem, respondeu Clifford friamente.

— Mas desta vez não o fará — disse o guarda.

Clifford calou-se e começou a fazer tentativas com o motor, ora acelerando, ora diminuindo, como se quisesse tirar dele uma melodia — e o barulho ecoava na floresta. De súbito, acelerou de chofre e soltou o pedal.

— Vai escangalhar o carro! exclamou o guarda.

O auto deu uma guinchada para o barranco.

— Clifford! gritou Constance, correndo para ele.

Mas o guarda já havia agarrado o carrinho, ajudando os esforços de Clifford para metê-lo na trilha, onde caiu afinal. Começou a subir com facilidade, como para reabilitar-se.

— Veja como caminha bem agora! — disse Clifford triunfalmente; mas, voltando o rosto, viu atrás a cabeça do guarda.

— Está empurrando? — gritou.

— Sem isso ele não anda — respondeu Mellors.

— Deixe-me em paz! Não dei ordem para que o empurrasse.

— Mas sem isso ele não anda — tornou o guarda.

— Quero ver — gritou Clifford com ênfase.

O guarda afastou-se e foi pegar a veste e o fuzil, enquanto o automovelzinho empacava novamente. Quedou-se inerte. Clifford, prisioneiro ali dentro, estava pálido de humilhação. Dava aos pedais com ódio; seus pés não o ajudavam em nada. Da máquina saíam ruídos estranhos — mas nada de mover-se. Não, o carro não marcharia. Clifford parou o motor e ficou a estalar de cólera.

Constance, sentada junto à fonte, tinha os olhos nas pobres campânulas esmagadas. “Não pode haver maior encanto que a primavera inglesa.” “Posso dar conta da minha parte no governo.” “Precisamos é de chicote, não sabres.” “As classes dirigentes...”

O guarda aproximou-se, com a sua veste ao ombro e a espingarda na mão. Flossie o seguia desconfiada. Clifford mandou ver qualquer coisa embaixo do carro e Mellors novamente deitou-se para o exame. Constance, que nada sabia

da técnica dos motores mas tinha experiência de “pannes”, ficou pacientemente sentada junto à fonte, como se não existisse. O guarda lá estava de costas, debaixo do automóvel. As classes dirigentes, as classes servas!

Mellors ergueu-se.

— Experimente de novo, disse com uma voz calma, quase infantil.

Clifford deu marcha ao motor e sem que ele visse pôs-se a empurrar; o auto moveu-se. O motor fazia metade do trabalho e o homem o resto.

Mas Clifford voltou a cabeça, pálido de cólera.

— Faça o favor de deixar o carro em paz!

O guarda obedeceu, enquanto Clifford acrescentava:

— Empurrando, como poderei saber se anda ou não?

Mellors envervou a veste. O carro recuava lentamente.

— Clifford, os freios! gritou Constance.

O carro parou. Houve um segundo de completo silêncio.

— Evidentemente, estou à mercê dos outros, disse Clifford.

Não teve resposta. Mellors pendurava a espingarda ao ombro, com o rosto sem expressão, salvo um leve ar de paciência distraída; Flossie, quase entre as pernas de seu dono, nervosa de perplexidade ante aqueles seres humanos e a olhar para o carro com desconfiada aversão. O “tableau vivant” imobilizava-se naquele fundo de campânulas esmoídas. Ninguém falava.

— Acho que só mesmo empurrando, disse por fim Clifford, afetando sangue-frio.

Ninguém opinou. O rosto sem expressão de Mellors era de quem não tinha ouvido. Constance olhou-o inquieta e Clifford também se voltou para ele.

— Quer empurrar o carro até o castelo, Mellors? disse Clifford, num tom superior e desembaraçado. Espero nada ter dito que o ofendesse.

— Nada, Sir Clifford.

— Faça o favor.

Mellors aproximou-se, fez força, mas dessa vez nada conseguiu. Estavam travados os freios. O guarda encostou de novo a espingarda e sacou a veste. Ergueu o carro pro-